

RELAÇÕES HISTÓRICAS ENTRE VARIEDADES RURAIS DA LÍNGUA PORTUGUESA EM PORTUGAL E NO BRASIL.

Brian F. HEAD
SUNYA E UNICAMP

RESUMO

Encontra-se, com frequência, em trabalhos, referentes à língua portuguesa no Brasil, a noção de que o português brasileiro acusa maior semelhança com os falares do Sul de Portugal do que com os do Norte.

Alguns autores procuram encontrar fatores históricos que possam ter motivado maior semelhança da língua portuguesa no Brasil com os falares do Sul. As principais explicações apresentadas incluem: (1) predomínio de emigrantes das províncias do Sul, na época da colonização, e (2) maior "força expansiva--uma espécie de prestígio linguístico maior ..." (Cintra 1958:195; 1983:33).

Com base em dados dos atlas linguísticos e vocabulários regionais brasileiros, e de outros trabalhos sobre linguagem popu-

lar rural no Brasil, o presente estudo procura fazer uma revisão dos fundamentos da noção de que o português brasileiro apresenta maior semelhança com os falares do Sul do que com os do Norte.

Verifica-se, por um lado, que os dados referentes à linguagem popular rural no Brasil não confirmam algumas das comparações apresentadas anteriormente num sentido favorável à referida noção. Por outro lado, algumas das propriedades mais típicas das variedades de linguagem popular rural no Brasil correspondem a características típicas dos falares do Norte.

Em suma, o presente trabalho põe em dúvida um conceito comum, referente às relações históricas entre variedades da língua portuguesa em Portugal e no Brasil; dados de variedades populares e rurais da língua portuguesa no Brasil, não sustentam os fundamentos do referido conceito, e são inaceitáveis as supostas explicações apresentadas em trabalhos anteriores.

1. INTRODUÇÃO

Entre os trabalhos que tratam das relações entre o português do Brasil e o da Europa, destaca-se um estudo da autoria de Luis Lindley Cintra, que tanto tem contribuído para o conhecimento da dialectologia portuguesa.¹

Utilizando materiais recolhidos em 1953 e 1954 para o Atlas Linguístico da Península Ibérica, Cintra (1958, 1983) procura mostrar "com que zona do português da Europa coincide o português da América - e principalmente o do Rio de Janeiro", com base na comparação de pronúncias que correspondem às propriedades que servem para discriminar as principais regiões dialectais de Portugal: o sistema de sibilantes, o tratamento do ditongo gráfico *ei*, a monotongação do antigo ditongo *ou*, a distinção entre a lábio-dental *v* e a bilabial *b*, e a existência ou não da africada [c].² Depois de examinar os dados escolhidos, Cintra conclui que o português do Brasil, representado pelo Rio de Janeiro, apresenta maior semelhança com a pronúncia meridional de Portugal do que com as pronúncias típicas do Centro ou do Norte.

O presente estudo pretende reexaminar a questão das relações entre o português brasileiro e o português europeu mediante uma nova comparação: enquanto Cintra compara a pronúncia de uma variedade urbana (cultura?) do português do Brasil com características de pronúncias típicas das principais regiões dialectais de Portugal, as comparações apresentadas neste trabalho baseiam-se em dados que representam a linguagem rural popular, quer no caso de Portugal, quer no caso do Brasil.³

A fim de examinar a hipótese de haver maior semelhança, na pronúncia, entre o português do Brasil e o do Sul de Portugal, o presente trabalho apresentará, inicialmente, uma comparação entre

as pronúncias da linguagem popular rural brasileira e portuguesa segundo as mesmas categorias de propriedades consideradas por Cintra no estudo anterior acima citado. Depois, os termos da comparação serão ampliados no sentido de incluir algumas das pronúncias típicas mais frequentes na linguagem popular rural do Brasil, que pertencem a outras categorias.

Em suma, as comparações que se seguem representam uma tentativa de contribuir para um conhecimento melhor das relações entre o português da América e o português da Europa, tema do trabalho pioneiro apresentado originalmente por Cintra há mais de trinta anos. Mas enquanto o trabalho de Cintra utiliza a linguagem do Rio de Janeiro para representar o português brasileiro, em confronto com as pronúncias regionais das principais zonas dialectais de Portugal, o presente estudo baseia-se exclusivamente na linguagem regional, utilizando, para fins de comparação, o mesmo tipo de variedade linguística - a linguagem popular rural - tanto para representar o Brasil como para representar Portugal. Com relação ao português europeu, a fonte principal das informações consideradas no presente estudo é a mesma utilizada por Cintra: o Atlas Linguístico da Península Ibérica (ALPI).⁴ As fontes dos dados sobre o português do Brasil incluem os principais atlas linguísticos regionais deste país e alguns dos estudos monográficos e vocabulários sobre variedades geográficas popular brasileiro.

2. Comparações entre o português brasileiro e o português de Portugal

2.1 Propriedades que diferenciam as zonas dialectais de Portugal em confronto com pronúncias correspondentes na linguagem popular rural do Brasil.

2.1.1 A passagem de v e b.

Cintra (1958:192, 1983:30) refere-se à "distinção entre a lábio-dental v e a bilabial b" como uma das propriedades do português do Brasil (representado pela variedade do Rio de Janeiro, no

referido estudo). O mesmo autor considera (1958:193, 1983:31) que a "passagem de v a b" figura entre "as características fonéticas cuja rusticidade é actualmente mais sentida em Portugal".

Quanto ao português do Brasil, a ocorrência de b em vez de v está amplamente documentada na linguagem popular rural de diversas regiões: formas tais como "barrer" (por varrer), "bassoura" (por vassoura), "bespa" (por vespa), "bespra" (por véspera), "bage" (por vagem), "berruga" (por verruga), "barrão" (por verrão), "briba" e "biba" (por víbora) estão registados em trabalhos de diversas naturezas (estudos monográficos, vocabulários, atlas linguísticos regionais), que tratam da linguagem rural e popular dos estados de Pernambuco, Bahia, Paraíba, Ceará, São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Rio Grande do Sul.⁵

As condições em que se manifesta a troca do v pelo b (o uso deste em vez daquele) indicam a natureza dessa substituição no português do Brasil. Visto ser restrito o âmbito lexical em que a alternância ocorre, é evidente que não se trata de uma pronúncia, ou de um processo fonético, que ocorre sempre em determinados contextos fonológicos. Trata-se, antes, da preservação de variantes de alguns vocábulos típicos do léxico comum tradicional. Portanto, o uso de b em vez de v na linguagem popular rural brasileira pode ser caracterizada em termos do âmbito lexical em que ocorre, e não em termos de alguma regra fonológica geral. Por ser limitado a um determinado domínio do léxico, a substituição não chega a neutralizar, em nenhum contexto, a oposição entre /b/ e /v/.

Quanto ao domínio geográfico, o uso de b em vez de v constitui uma pronúncia típica do Norte e do Centro e Portugal. No Brasil, as variantes com b em vez de v representam formas conservadoras ou arcaizantes que ocorrem na linguagem popular rural de diversas regiões do território nacional, em vez de apresentar alguma distribuição geográfica definida, com fronteiras separando áreas dialectais distintas.

Em termos de factores sociais, a documentação sobre variedades regionais do português popular do Brasil indica que a ocorrência da substituição (uso de b em vez de v, ou da alternância entre as duas pronúncias, é mais frequente entre analfabetos do que entre pessoas alfabetizadas.⁶

2.1.2 Preservação da africada [c].

Outra diferença entre os falares regionais que serve para dividir Portugal em zonas dialectais refere-se à africada [c]: trata-se da preservação, ou não, da distinção fonológica entre o fonema /c/, representado pelo grafema ch, e o fonema /ʃ/, representado pelo grafema x. Actualmente, a oposição está preservada só no português setentrional.⁷ Cintra (1958:193, 1983:31) observa que, no português do Brasil, representado pelo Rio de Janeiro, a africada [c] "é desconhecida na linguagem normal"; ao mesmo tempo, porém, menciona a existência dessa variante "no falar de algumas comunidades caboclas".

Ao referir-se a "uma área muito carregada de tipicismo... no sul de São Paulo, sul de Mato Grosso e norte do Paraná... onde se acumulam os sons mais estranhos à língua comum," Serafim da Silva Neto (1963:194) menciona a "africada palatal surda ts: chave, cocho" como uma das propriedades dialectais mais características da região. A. Amaral (1920, 1955:48) considera o "ch explosivo" uma propriedade comum no dialecto caipira de São Paulo. Embora bem menos frequente hoje em dia, a preservação dessa variante também está documentada nos dados levantados para o Atlas Linguístico do Estado de São Paulo (ALESP).⁸

2.1.3 As sibilantes.

Como observa Cintra (1958:189-191, 1983:27-29), desde que estudaram o assunto Gonçalves Viana e Leite de Vasconcellos, considera-se que Portugal está dividido em três zonas dialectais segundo o sistema de sibilantes: (1) uma zona muito conservadora, no Norte, onde sobrevivem quatro sibilantes: duas "predorso-dentais" e duas "épico-alveolares", (2) uma zona com duas sibilantes épico-alveolares, em partes do Norte e do Centro, e (3) uma zona com duas sibilantes predorso-dentais, que inclui todo o Sul e grande parte do Centro. É a esta última zona que Cintra considera que se associa o português do Brasil, tal como representado pelo Rio de Janeiro.

Na linguagem popular rural do Brasil, encontram-se, neste caso também, algumas variantes que aparentam relações com as pronúncias mais conservadoras de Portugal. Serafim da Silva Neto (ibid.) refere-se a uma variante de *e* que considera característica da área dialectal "muito carregada de tipicismo..." acima mencionada (2.1.2), cujo "ponto de irradiação parece ter sido São Paulo e o povoamento bandeirante". A menção dessa variante sugere a coexistência, no português popular rural brasileiro, de diversos tipos de sibilantes, algumas das quais corresponderiam às sibilantes típicas do Norte e do Centro de Portugal.

Num estudo recente sobre a linguagem rústica e arcaizante do litoral de São Paulo, Wülkeman (1983) apresenta uma descrição fonológica que parece documentar a sobrevivência, no Brasil, do antigo sistema de quatro sibilantes, actualmente típico de uma parte do Norte de Portugal. Assim, tanto no caso da africada [c] como nos casos do sistema de sibilantes e da alternância entre *v* e *b*, estudos referentes a variedades rurais do português popular do Brasil documentam a preservação de propriedades que caracterizam zonas dialectais diferentes do Sul de Portugal.

2.1.4 O ditongo gráfico *ei*.

Quanto ao tratamento do "ditongo gráfico *ei*", Cintra (1958:191-192, 1983:29-30) descreve da seguinte maneira a situação dialectal em Portugal:

... os falares portugueses dividem-se em duas grandes regiões...: todo o Sul e grande parte do Centro reduzem normalmente esse ditongo a [e], dizendo *ferrêro*, *sapatêro*, *lête*, *pêto*, *pêxe*. Devo, no entanto, observar que há em alguns pontos conservação do ditongo quando provém do grupo latino - *ct* -, como em *peito*, *leite*, *feito*. Todo o Norte e grande parte do Centro conservam o ditongo, aumentando por vezes a distância entre os seus elementos, por dissimulação: *ferrêiro*, *lêite*.

No caso desse ditongo, como nos casos das outras propriedades consideradas por ele na comparação apresentada, Cintra associa ao Sul de Portugal o português do Brasil (representado pelo Rio de Janeiro), no qual o ditongo *ei* teria se transformado em vogal simples (*ibid.*).⁹

Os materiais do levantamento para o Atlas Linguístico da Península Ibérica que se encontram em forma publicada (ALPI I, *Fonética* 1) incluem duas cartas que se referem principalmente a vocábulos com *ei*: a Carta 64, direito, e a Carta 75, eixo.

No caso de eixo (Carta 75), os dados do ALPI indicam que a redução do ditongo a uma vogal simples [e] ocorre em todo o Sul de Portugal (com nasalidade nalgumas localidades) e dentro de uma faixa que atravessa o país um pouco ao norte do rio Tejo (nas localidades indicadas pelos pontos números 272, 274, 262, 261, 253, 252 e 250, de Sobreiro a Ourondo).

No caso de direito (Carta 64), os dados do ALPI correspondem, de modo geral, à descrição feita acima. Numa grande parte do Sul de Portugal os dados registados indicam monotongação do ditongo gráfico *ei* em direito, com duas excepções: (1) pouco ao sul do Tejo, há uma cadeia de localidades com o ditongo [ei] (pontos 277, 276, 264, 268 e 365, de Santana a Ferreira de Alcântara), a qual parece indicar o limite da expansão da monotongação para o norte, na época do levantamento para o ALPI (ou então o limite duma possível expansão de norte para sul do uso do ditongo na pronúncia),¹⁰ e (2) de acordo com a afirmação de Cintra, dentro de uma grande região do Sul onde é comum o uso da vogal no lugar do ditongo, há algumas localidades com este em vez de aquela (notadamente os pontos periféricos 281 e 291, ao oeste, e 282, ao leste). É essa, portanto, a situação dialectal em Portugal com a qual deverão ser comparados os dados sobre o português do Brasil.

Quanto à realização do "ditongo gráfico *ei*" no Brasil, observa-se que não é geral a monotongação (substituição do ditongo por uma vogal simples), que é tão típica do Sul de Portugal. Por um lado, a pronúncia [ei] é comum na linguagem popular rural brasileira em alguns casos em que a ocorrência de um ditongo é geral no Centro e no Norte de Portugal (com alternância entre diversos graus

de abertura do primeiro elemento), mas apenas esporádica, e geograficamente marginal, no Sul.¹¹ Por outro lado, mesmo nos contextos em que a redução do ditongo [ei] à vogal simples [e] é muito comum no português do Brasil (por exemplo, diante da vibrante /r/ e em outros casos onde a grafia ei não resulta do grupo latino -ct-), também se encontra a realização como ditongo, especialmente em falares regionais cujo carácter arcaico ou arcaizante se evidencia por outras propriedades.¹²

Em face das referidas características dos falares regionais do Brasil, não se deve considerar que o português brasileiro simplesmente coincida com o português do Sul de Portugal no que se refere às pronúncias que correspondem ao ditongo gráfico ei. Em vez de acusar monotongação, propriedade típica do Sul de Portugal, o ditongo [ei] mantém-se no português do Brasil: em certos contextos, como pronúncia geral, comum a diversos tipos de linguagem; em outros contextos, como pronúncia pouco frequente, características de algumas formas de linguagem popular rural.

2.1.5 Monotongação do antigo ou.

As pronúncias contemporâneas que correspondem ao antigo ditongo ou também servem para distinguir entre as zonas dialectais de Portugal. De acordo com Cintra (1958:192, 1983:30), a monotongação do antigo ditongo é geral em quase todo o país, excepto no Norte:

... O mapa mostra a extensa área do seu desenvolvimento reduzido à vogal [o] ou, numa pequena e curiosíssima região da Beira Baixa e Alentejo, a [o]: [oru], [toru] ou [oru], [toru].

É quase só o Portugal de além-Douro que conserva o ditongo. Apenas em poucos pontos ele se encontra numa faixa estreita ao sul do Rio. Além disso, no Centro, relativamente próximo da Lisboa - foi esta uma das surpresas que se nos

depararam durante as investigações [do ALPI] - há uma zona de conservação até agora desconhecida.

Com base na distribuição geográfica das pronúncias registadas nos levantamentos para o ALPI, Cintra (ibid.) afirma: "... coincide o Brasileiro, no caso de *ou*, com o português do Sul."

É verdade que o ditongo gráfico *ou* corresponde à vogal simples [o] nas pronúncias comuns do Rio de Janeiro, localidade usada por Cintra, no trabalho citado, para representar o português do Brasil em geral. Mas, por outro lado, verifica-se que a linguagem popular rural brasileira apresenta algumas propriedades diferentes das do Sul de Portugal no que se refere às pronúncias que correspondem ao antigo ditongo *ou*.

Em primeiro lugar, é preciso levar em conta o facto de que, no português moderno, as pronúncias que correspondem ao antigo ditongo *ou* apresentam variação em dois sentidos contrários em relação à manutenção de [ou], com semivogal posterior (velar): além da assimilação representada pela redução desse ditongo à vogal posterior simples [o], também ocorre uma forma de dissimilação, manifestada na troca da semivogal posterior pela semivogal anterior (palatal), a qual resulta na variante [oi]. Referente a "pronúncia normal portuguesa", Gonçalves Viana (1892:79) observa que o ditongo [oi] "alterna indiferentemente com *ou*, mormente antes de -r- e -te-; ex.: *noite*, *noute*; *moiro*, *mouro*." Assim sendo, na descrição das variantes que correspondem ao antigo ditongo *ou*, é preciso considerar não só as pronúncias que representam a preservação e a monotongação, [ou] e [o], mas também aquela que resulta da dissimilação: [oi].

Nos materiais publicados do ALPI (vol. I, *Fonética I*) encontram-se documentados três casos relevantes para o estudo das pronúncias que correspondem ao antigo ditongo *ou*: *bebedouro* (Carta 7), *coice* (Carta 51) e *couro* (Carta 59).¹³

No caso de *bebedouro*, verifica-se, de modo geral, que a pronúncia com a variante [ou] é típica do Norte, enquanto há duas

variantes de pronúncia no Centro: [oi] - a mais comum - e [ei]. No Sul, encontram-se outros vocábulos, em vez de bebedouro: chafariz e pia. Assim, por causa da ocorrência limitada do vocábulo bebedouro, a Carta 7 não proporciona informações suficientes para uma comparação das pronúncias que correspondem a ou extensiva a todas as três zonas dialectais principais.

São mais extensos os dados das cartas referentes a coice e couro. Segundo a documentação do ALPI, coice (Carta 51) apresenta três variantes de pronúncia, distribuídas entre as três zonas dialectais: a vogal simples [o], no Sul; o ditongo novo [oi], no Centro, e o ditongo antigo [ou], no Norte. No caso de couro (Carta 59), a pronúncia com o ditongo [oi] é geral no Sul e bastante frequente tanto no Centro, onde alterna com a vogal simples [o], como no Norte, onde alterna principalmente com o ditongo [ou].

Os exemplos citados das cartas do ALPI mostram que a distribuição geográfica das variantes [ou], [oi] e [o] difere de um vocábulo para outro. Além disso, é importante notar que a pronúncia comum no Brasil, onde coice se realiza com [oi] (como no centro de Portugal) e couro com [o] (variante esta que também ocorre no Centro).

Embora limitada aos poucos casos relevantes com documentação suficiente nos materiais publicados do ALPI, a descrição acima parece representativa de uma situação geral: no que se refere à alternância entre [ou], [oi] e [o], a linguagem popular rural do Brasil difere frequentemente da pronúncia do Sul de Portugal. Assim, com respeito às pronúncias brasileiras que correspondem ao antigo ditongo ou, Franco de Sá (1915:43) afirma: "Em todo o Brasil, pronunciamos como no norte de Portugal...".

Quanto à preservação do antigo ditongo ou no Brasil, verifica-se que, nos vocábulos em que [ou] não tem sido substituído por [oi], a ortografia ou geralmente corresponde à vogal simples [o], tanto na linguagem popular como na pronúncia de pessoas cultas.¹⁴ No entanto, na linguagem regional, encontram-se alguns vestígios da preservação de [ou], que corresponde à pronúncia mais típica do Norte de Portugal.¹⁵

2.2 Algumas das pronúncias mais comuns na linguagem popular rural do Brasil em confronto com as propriedades correspondentes das zonas dialectais de Portugal.

As propriedades consideradas nas comparações acima referem-se a categorias de pronúncia especialmente relevantes na divisão de Portugal em zonas dialectais. Os resultados das comparações referentes a essas categorias revelam a ocorrência, na linguagem popular rural do Brasil, de pronúncias que apresentam maior semelhança com a linguagem típica do Norte - ou do Centro e do Norte - de Portugal, do que com a linguagem típica do Sul.

Observa-se que as referidas propriedades, que servem para dividir Portugal em zonas dialectais, não são gerais, nem são das mais comuns, no português do Brasil: o uso de b em vez de v, a ocorrência da africada [c], a preservação de sibilantes típicas do Norte e do Centro, e a manutenção dos ditongos [ei] e [ou] - todas essas propriedades estão ampla e seguramente documentadas em materiais sobre a linguagem popular rural do Brasil (especialmente nos atlas linguísticos regionais mencionados), mas elas restringem-se, em grande parte, a formas rurais arcaizantes. Por esse motivo, creio que a comparação entre o português da América e o português da Europa não deverá limitar-se a uma perspectiva que privilegia as categorias de pronúncia mais relevantes na dialectologia de Portugal: também seria importante determinar quais as relações entre as pronúncias mais comuns na linguagem popular rural do Brasil e as características das zonas dialectais de Portugal. Seguem-se algumas comparações feitas a partir de pronúncias que se consideram, geralmente, típicas e frequentes no português popular rural do Brasil.¹⁶

2.2.1 A troca de l por r.

Desde cedo nos estudos sobre a dialectologia da língua portuguesa, a alternância ente l e r está registrada como uma das

propriedades da linguagem regional do Brasil (Leite de Vasconcellos 1901:159, 1970:133). O uso de r em vez de l, como segundo membro de grupo de consoantes e em posição final de sílaba, é típico da linguagem popular rural de uma grande região do Brasil, a qual inclui partes dos estados de São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Alagoas, Pernambuco, Paraíba e outros.¹⁷

A alternância entre as consoantes líquidas em posição final de sílaba tem sido citada por especialistas como característica do Norte de Portugal: Coelho (1881:71) menciona a troca de l por r como pronúncia típica do Norte (Minho), e Leite de Vasconcellos (1901:99, 1970:96-97) aponta a mesma propriedade na mesma zona dialectal (sobretudo no Baixo Minho). Num estudo mais recente, baseado em materiais do Inquérito Linguístico Boléo, Ma. H. Silva (1961:318) indica o uso de r em vez de l em diversas localidades do Minho.

Nos materiais dos levantamentos para o ALPI disponíveis em forma publicada (I, Fonética 1), não encontro dados que exemplifiquem o uso de r em vez de l, nem em posição final de sílaba, nem como segundo membro de grupo de consoantes em posição inicial de sílaba. (Nos dados referentes a caracol, Carta 36, não se encontram casos de [-r], nem mesmo nas regiões indicadas nas citações acima. Faltam dados sobre vocábulos com grupos de consoantes com l como segundo membro, excepto no caso de crina, Carta 53, onde a documentação indica [kl-] como pronúncia generalizada em todas as zonas dialectais - o que representa uma alternância no sentido contrário àquela que é frequente na linguagem popular rural do Brasil.)

2.2.2. A vocalização da lateral palatal.

Leite de Vasconcellos (1901:159, 1970:133) refere-se à vocalização da lateral como uma das características típicas do português do Brasil. A ocorrência de alternância entre a lateral palatal e a semivogal anterior, ou o uso geral desta em vez daquela, é comum na linguagem popular rural de diversos estados, conforme mostra a documentação de vários trabalhos.¹⁸

Os materiais do ALPI documentam uma alternância semelhante numa pequena região do Norte de Portugal: em Rio de Onor (Trás-os-Montes), onde os dados das Cartas 6 (abelha), 11 (ferrão, esquilhão), 12 (agulha), 41 (sobrancelhas), e 47 (colher) indicam o uso da semivogal anterior no lugar da lateral palatal.

2.2.3. Queda do r em final de sílaba.

Leite de Vasconcellos (1979:98) refere-se ao desaparecimento do r em final de sílaba na pronúncia descuidada do Centro e do Norte de Portugal. Os exemplos dados correspondem a casos muito comuns na linguagem popular rural do Brasil: *comprá' caro, po' teu pé, se não fô' muito tarde*. O mesmo autor também menciona o fenómeno semelhante no português brasileiro (op. cit., 133): "L'-r tomba: *flô=flor, muyê=mulher, ardê=arder, bôtá=botar...*" Trata-se de uma característica muito comum na pronúncia popular do Brasil, especialmente em linguagem regional, na qual esta é amplamente documentada.¹⁹

Nos materiais do ALPI, os dados referentes a afogar-se (Carta 13) indicam a ocorrência de várias realizações sem r concentradas na região entre o Minho e o Douro (localidades nos. 201, 204, 207, 209, 219, 225), mas também um pouco ao sul do Douro (loc. 236).

Assim, neste caso também, a pronúncia típica da linguagem popular do Brasil corresponde mais aos falares do Norte (e aos do Centro, segundo Leite de Vasconcellos), do que aos do Sul.

2.2.4. Alternâncias com ditongos nasais em posição átona final.

Outra propriedade típica da linguagem popular no Brasil é o uso de vogais orais, especialmente em posição átona final, em vez de certos ditongos nasais (representados na ortografia por *em* e *em* ou *ão*). Os exemplos incluem casos tais como "homi" (homem), "onti"

(ontem), "órfu" (órfão), E "mataru" (matarã). A alternância entre ditongos nasais e vogais orais nas referidas condições está documentada em vários estudos referentes à linguagem popular rural de localidades e regiões que abrangem uma grande parte do país, desde o Sul e Sudeste até o Nordeste e o Norte.²⁰

No que se refere à comparação com as características das zonas dialectais de Portugal, é nos falares do Norte, segundo Leite de Vasconcellos (1901:110-11, 1970:87-88), que se encontram pronúncias que apresentam propriedades semelhantes de desnasalização e monotongação dos referidos ditongos em posição átona. Nos materiais publicados do ALPI, os dados sobre ferrão e aguilhão (Carta 11) indicam uma alternância semelhante em parte, no que se refere à qualidade da vogal na realização que corresponde a -ão, nalgumas localidades ao norte do Douro (tais como nos. 204 e 215). Não se encontram nos referidos materiais exemplos de vocábulos que tenham, na pronúncia clássica ou culta, ditongo nasal em posição átona final.

2.2.5. Nasalização de vogais diante de consoante nasal em posição intervocálica.

A nasalização das vogais diante de consoante nasal intervocálica é comum no português do Brasil, principalmente ao norte do Rio de Janeiro.²¹

No ALPI, os dados referentes a aranha (Carta 16) indicam que, ao Norte do Mondego, a vogal tónica da segunda sílaba se realiza frequentemente com nasalidade, mas sem nasalidade no resto do país. (Segundo os dados das Cartas 33 e 35, porém as vogais tónicas de caminho e cana são realizadas comumente com ressonância nasal em todas as três zonas dialectais.)

Historicamente, a nasalização das vogais diante de consoante nasal intervocálica deu origem a uma propriedade arcaizante que se encontra nalgumas variedades de linguagem popular rural do Brasil: a manutenção da nasalidade vocálica em algumas palavras depois da queda da consoante nasal intervocálica. Tal nasalidade ocorre, por exemplo, em formas como "lãa" e "vlerã", documentadas

esporadicamente na linguagem popular de algumas regiões do interior do Brasil.²²

Os materiais do ALPI incluem um exemplo de nasalidade com a mesma origem: a palavra *jejuar* (<*jejunare*), Carta 21, realizada com [Ń] (nasal) em várias localidades do Norte. Assim, nesse caso também, a linguagem popular rural do Brasil associa-se a uma pronúncia típica do Norte de Portugal, com carácter marcadamente arcaizante.

3. Conclusões e perspectivas para investigação futura.

3.1. Conclusões.

O presente trabalho inspirou-se num estudo de L. Cintra (1958), no qual o grande mestre da dialectologia portuguesa confronta, com base em dados dos levantamentos do ALPI, as categorias de pronúncia mais importantes na divisão de Portugal em zonas dialectais, com pronúncias correspondentes do português do Brasil, representado pela linguagem do Rio de Janeiro. A comparação feita por Cintra mostra que, nas categorias de pronúncia consideradas, a forma de linguagem escolhida para representar o Brasil assemelha-se ao português meridional.

O presente estudo compara pronúncias correspondentes que representam formas de linguagem popular rural, tanto no caso do português brasileiro como no caso do português europeu. Baseadas por um lado nos materiais publicados do ALPI e por outro nos atlas linguísticos regionais brasileiros e em outros trabalhos referentes a formas de linguagem rural no Brasil, as comparações iniciais, em termos das mesmas categorias consideradas por Cintra no estudo anterior, revelam que se encontram também na linguagem popular rural do Brasil todas as propriedades de pronúncia típicas do Norte de Portugal: o uso de *b* em vez de *v*, a preservação da africada /c/, a existência de um sistema de quatro sibilantes, e a manutenção dos ditongos representados por *ou* e *ei*. De modo geral, todas essas pro-

priedades de pronúncia estão documentadas na linguagem popular rural de diversos estados do Brasil - com a excepção do antigo sistema de quatro sibilantes, actualmente conhecido só na linguagem caiçara, do litoral de São Paulo. Dessa forma, quanto às referidas categorias de pronúncia, a linguagem popular rural do Brasil evidencia, nas suas características conservadoras, maior semelhança com o português europeu setentrional do que com o meridional.

Feitas as comparações acima mencionadas, o presente trabalho amplia o domínio do confronto entre pronúncias do português da América e o português da Europa: numa inversão da perspectiva adoptada por Cintra (que faz as comparações a partir das propriedades mais relevantes para a divisão de Portugal em zonas dialectais), são confrontadas propriedades de pronúncia mais típicas da linguagem popular rural do Brasil com pronúncias correspondentes das diversas regiões de Portugal. Tais propriedades incluem o uso de r em vez de l, o uso da semivogal anterior no lugar da lateral palatal, a queda de r em final de sílaba, a redução de certos ditongos nasais a vogais orais e a manutenção de nasalidade arcaizante. As comparações revelam que, de modo geral, é no Norte de Portugal que se encontram as propriedades de pronúncia mais semelhantes às principais características típicas da linguagem popular rural do Brasil.

3.2. Perspectivas para investigação futura.

Nos materiais utilizados para o presente estudo é escassa a documentação referente a algumas das propriedades de pronúncia consideradas nas comparações entre o português do Brasil e o português de Portugal. Numa investigação futura, conviria obter informações mais amplas, principalmente sobre a preservação da africada /c/ e do sistema de quatro sibilantes no Brasil. Quanto às pronúncias mais comuns na linguagem popular rural do Brasil, seria desejável obter informações mais amplas sobre as pronúncias correspondentes nas diversas zonas dialectais de Portugal, devido ao ca-

rácter limitado dos respectivos dados nos materiais publicados do ALPI.

Embora o presente trabalho se limite ao domínio da fonologia, é evidente que, na investigação das relações entre o português da América e o da Europa, também deverá ser levado em conta o vocabulário, especialmente as relações lexicais entre a linguagem popular rural dos dois países.²³

NOTAS

1. O estudo feito por Cintra oferece o interesse especial de apresentar a primeira comparação entre o português da América e o português da Europa com base em dados de um levantamento dialectológico extenso, pois o autor utiliza, em relação a Portugal, dados do Atlas Linguístico da Península Ibérica, embora, no que se refere ao Brasil, se tenha limitado a considerar a linguagem do Rio de Janeiro. Realizado antes da elaboração dos primeiros atlas linguísticos regionais brasileiros (numa época em que só existiam estudos monográficos sobre algumas variedades de linguagem rural no Brasil, hoje clássicos), o referido trabalho foi apresentado na ocasião do Primeiro Congresso Brasileiro de Língua Falada no Teatro (1956). Foi publicado nos respectivos Anais (1958) e, sem mudanças no texto, numa colectânea de trabalhos sobre dialectologia portuguesa (Cintra 1983). A fim de facilitar a consulta, as citações no presente estudo indicam as páginas tanto nos Anais como na colectânea.
2. As categorias de propriedades utilizadas por Cintra (1958, 1983) são fundamentais para estabelecer as principais zonas

dialectais de Portugal (v. Cintra 1971), mas, com a excepção da africada (v. nota 7, *infra*), não são muito relevantes na caracterização das diferenças entre as variedades regionais do português do Brasil.

3. A mudança de perspectiva na comparação entre o português da Europa e o português da América justifica-se por vários motivos. Como no caso do referido trabalho da autoria de Cintra, o presente estudo pretende utilizar a comparação para revelar influências históricas. Na investigação para fins de análise diacrónica, dados referentes à linguagem popular rural são mais relevantes do que os de outras formas de linguagem, visto que, de modo geral, as variedades rurais são mais conservadoras do que as urbanas, enquanto as variedades populares são menos sujeitas a influências normalizantes do que a linguagem culta. Além disso, dada a participação importante de gente inculta das províncias de Portugal na povoação do interior do Brasil, durante o período colonial, a linguagem popular teve muita influência na formação das variedades regionais do português brasileiro. Por esses motivos, a linguagem popular rural merece atenção especial na comparação entre o português da América e o português da Europa. Observe-se, porém, que têm sido mais acessíveis, tradicionalmente, as informações sobre variedades de linguagem urbana e culta. Por isso, as comparações referem-se muitas vezes (explícita ou implicitamente) a variedades urbanas cultas. (Por exemplo, para uma comparação fonológica entre formas de linguagem culta de Lisboa e do Rio de Janeiro, v. Head 1964.) No que se refere a comparações baseadas na linguagem rural, lembre-se a afirmação de A. de Souza (1960:80): "Há poucos trabalhos comparativos do português que se fala e escreve nas duas pátrias, especialmente dos linguajares rurais." Com a elaboração dos atlas linguísticos regionais brasileiros (APFB, EALMG, ALPB, ALSa, ALECE, ALESP), tornam-se mais acessíveis as informações sobre as formas da linguagem popular rural do Brasil. Para fins de conhecimento da história e dos processos mais amplos de variação e mudança da língua portuguesa no Bra-

sil, não se justifica, nem por critérios científicos, nem por motivos de ordem prática, uma preferência exclusiva pela descrição da linguagem urbana culta.

4. Há uma grande diferença entre o trabalho de Cintra e o presente estudo no que se refere ao uso de dados do ALPI. Como um dos participantes principais dos levantamentos para o ALPI, Cintra adquiriu um vasto e profundo conhecimento dos dados referentes a Portugal, os quais utilizou na elaboração de vários estudos posteriores (v., p. ex., Cintra 1983). Visto que os materiais do ALPI continuam em grande parte inéditos, só pude utilizar, para o presente estudo, dados extraídos do único volume publicado até hoje: ALPI I, *Fonética I* (1962). A fim de poder aprofundar o estudo das relações entre o português da América e o português da Europa, espero ter acesso no futuro a informações mais extensas (tais como os arquivos do ALPI e do Inquérito Linguístico Boléo).
5. As variantes com b em vez de v mencionadas aqui como exemplos estão transcritas numa ortografia modificada, de acordo com uma forma de representação comum nos glossários regionais. Em transcrição fonética mais precisa, essas variantes podem ser representadas, respectivamente, como [ba'xel], [ba'sora], ['bespa], ['bespra], ['bazi], [be'xugal], [ba'xãu], ['briba] e ['biba]. As variantes com b em vez de v estão amplamente documentados, p. ex., nos seguintes trabalhos, que se referem, respectivamente, à linguagem popular rural dos estados indicados: São Paulo, Amaral (1920, 1955:51) e Oliveira (1940, q.v.); Minas Gerais, Teixeira (1938:20); Bahia, APFB (1963), p. ex., nas cartas 58-exila (sovaco), 106 - prostituta (vassoura, varredeira), 126 - tipos de lagartixa (biba e briba, de vibora); Alagoas e Pernambuco, Marroquin (1934:76-77); Paraíba, Clerot (1959:6, q.v.) e Ceará, Seraine (1958, q.v.) e Girão (1967, q.v.). A documentação indica claramente que a alternância se dá predominantemente, quando não exclusivamente, no sentido de usar b em vez de v: em geral, não há sincretismo entre

- b e v no mesmo vocábulo dentro da mesma variedade de linguagem. No entanto, Amaral (1955:51) apresenta uma lista de "formas sincréticas" que inclui alguns casos de uso de v em vez de b (p. ex., "viête", além de "biête", por bilhete, e "vagaço", além de "bagaço", por bagaço). Creio que a substituição nesse sentido se deve a uma espécie de ultracorreção, fenómeno que se observa em alguns outros casos na linguagem popular do Brasil (p. ex., "telha de aranha" por teia de aranha, "às direita" por à direita).
6. Para exemplificar a diferença entre pessoas alfabetizadas e analfabetos no uso das variantes que ocorrem nessa alternância, considere-se alguns dos dados registrados no APFB, Carta 58 - axila (sovaco, etc.). Entre os informantes que usaram a palavra sovaco e outros termos derivados deste, aproximadamente 80% dos alfabetizados empregaram, na ocasião do inquérito, formas com v (apenas 20%, formas com b), enquanto 45% dos analfabetos usaram nas suas respostas a variante v (55%, a variante b), nesse caso, como em outros, a ordem de preferência no uso das variantes de pronúncia está invertida entre os informantes alfabetizados e os analfabetos.
 7. Além de ser mencionada por Cintra (1958, 1971), a ocorrência da africada /c/ no português da Europa é objecto de um estudo sincrónico e diacrónico por A. Pinto (1981).
 8. No português do Brasil, é preciso discriminar entre três tipos de condições em que ocorrem as africadas: a preservação das antigas africadas, /c/ e /j/, representadas na ortografia por ch (chave, cocho) e j ou g (já, gelo); a palatalização das consoantes /t/ e /d/ diante de vogal alta anterior ou semivogal palatal, em palavras como tia e dia ou teatro e diálogo; e a palatalização dessas mesmas consoantes quando seguem a semivogal palatal, em palavras como oito, doido. Nos casos de palatalização, trate-se de variantes de /t/ e /d/, enquanto as antigas africadas tinham valor fonémico. As ocorrências das africadas diferem de uma variedade do português do Brasil para

outra, mas o que é relevante para o presente estudo limita-se ao caso da antiga africada representada por *ch*. Sobre a ocorrência das africadas na linguagem popular rural do Brasil, v. Rossi (1969).

9. Na comparação quanto ao tratamento do "ditongo gráfico *ei*", Cintra diz pouco em relação ao português do Brasil: apenas menciona a monotongação [geral?] desse ditongo, a qual associa à pronúncia típica do Sul de Portugal.
10. A documentação histórica indica que a correspondência *ei*=[*e*] originou no Sul de Portugal, e que durante algum tempo essa propriedade de pronúncia acusou uma expansão para o norte. Neste momento, não disponho de elementos suficientes para determinar se actualmente há expansão, relativa estabilidade, ou recuo, em termos geográficos, do uso da vogal simples em vez do ditongo. É plausível que a expansão na direcção do norte tenha se estabilizado pouco ao sul do Tejo, devido ao facto de que, neste caso (ao contrário de vários outros), Lisboa pertence a área lingüística conservadora, no sentido de manter uma pronúncia com ditongo (até com aumento no grau de diferenciação entre a vogal e a semivogal), em vez de aderir à monotongação. Cf. Teyssier (1984:63-64).
11. Na linguagem popular rural (e mesma na linguagem culta urbana), há uma forte tendência a realizar a vogal simples [*e*], em vez do ditongo [*ei*], em certos textos fonológicos (por exemplo, diante da vibrante simples [*r*], como sufixo *-eira*). Em outros contextos, porém, o ditongo mantém-se comumente (por exemplo, em posição tónica, diante de oclusiva dental e algumas das fricativas, como nas palavras *peito* e *queixo*). Na manutenção do ditongo [*ei*] e na redução à vogal simples [*e*], a influência relativa dos diversos contextos fonológicos difere de uma variedade para outra, no português do Brasil. A documentação do APFB mostra a diferença na ocorrência de [*ei*] e [*e*] (em vez do ditongo) segundo o contexto fonológico: nos termos *beijo d'água*,

de leite, peito, rejeito (Cartas 13, 40, 60 e 63, respectivamente), predomina a conservação do ditongo [ei], enquanto nos termos carneiro d'água, leira, dente queiro (Cartas 17, 25 e 55, respectivamente) predomina a pronúncia com [e] em vez do ditongo [ei]. Os materiais do APFB documentam neste caso (e em outros) propriedades da pronúncia rural que não se restringem aos "falares baianos": encontram-se também em outras variedades regionais brasileiras. Na documentação do ALPB, por exemplo, a manutenção do ditongo [ei] predomina nas palavras *peito* e *rejeito* (Cartas 50 e 70), enquanto a redução à vogal simples [e] predomina nas palavras *olheiro*, *beira* e *nevoeiro* (Cartas 6, 8 e 17). No seu estudo sobre a linguagem popular de Alagoas e Pernambuco, Marroquim (1934:65) afirma, com relação à pronúncia que corresponde a *ei*: "O ditongo soa claramente quando está antes da explosiva *t* e da fricativa *c*: *peito*, *peitada*, *peitoril*, *leite*, *feitoço*, *beico*, *feitoço*, *treição*."

12. Os materiais do APFB documentam vários exemplos da preservação do ditongo [ei] diante de [r], em algumas ocorrências de palavras que se realizam mais frequentemente com a vogal simples [e], em vez do ditongo: *tabaqueira* (Carta 53), *roceiro*, *mecaqueiro*, *cavoqueiro* (Carta 23), *dente queiro* (Carta 55), *sandraqueiro* (Carta 99), etc. O carácter arcaizante da linguagem popular rural da Bahia está comprovado por trabalhos sobre outras características dessa variedade do português do Brasil; v., p. ex., Cardoso e Rollemberg (1974), sobre a preservação, nos falares baianos, da palavra antiga *serolha* (com variantes tais como *zarolha*, *cerolha*, *çorolha*).
13. Além dos casos citados, também apresenta variação nas pronúncias que correspondem à representação ortográfica *ou oi*, *caçoila* (ou *caçoula*) (Carta 40), provável empréstimo do espanhol *cazuela*, cuja primeira abonação é de 1438, segundo Corominas e Pascual (1980-84, v. *cazo*). O uso do termo em português data do século XVI, segundo Machado (1987). Os dados do ALPI indicam duas variantes principais na realização da sílaba tônica: [oi], que ocorre no extremo Sul (Algarve), na parte orien-

tal do Centro e no Norte, aproximadamente até a altura de Braga, e [o], que predomina no Norte (Onde alterna com diversas outras realizações: [oi], [ou], [ei], [au], etc), além de ocorrer numa pequena região ao sul do Tejo (nas localidades enumeradas de 266 a 269), onde é a única pronúncia documentada. Na respectiva carta do ALPI, não há documentação sobre caçoila na maior parte do Sul e numa grande parte do Centro de Portugal (principalmente no lado ocidental).

14. Em mais de uma ocasião, já observei a ocorrência de [ou] na "pronúncia ortográfica" de professoras primárias, numa dicção forçada. Em geral, tal pronúncia é reconhecida como artificial e pretenciosa. De modo geral, no português do Brasil (ao contrário do que ocorre em Portugal), e especialmente na linguagem popular rural, não se encontra sincretismo entre [oi] e [ou] (ou [o]): os vocábulos que representam o antigo ditongo ou realizam-se de uma forma só - com [o] (ou, com muito menor frequência, com [ou]), ou então com [oi]. A esse respeito, v., por exemplo, Amaral (1959:5-6).
15. O APFB registra algumas ocorrências do ditongo [ou], tais como [mouru], mouro (Carta 138) e [buzou], do verbo buzar, derivado de búzio (Carta 60). Muito mais frequente do que a preservação desse ditongo, é a monotongação, ou redução à vogal simples [o], que chega a ser quase exclusiva. A vogal [o], em vez do ditongo [ou], é a única pronúncia documentada nas ocorrências de vessoura (Carta 106) e cabelouro (Carta 56). Além disso, a redução do ditongo [ou] à vogal simples [o] faz parte da evolução de peadouro que resultou na criação da variante peador (Carta 63).
16. As variantes que se seguem também se encontram no meio urbano, onde se tornaram relativamente comuns nas últimas décadas, devido à migração interna. De modo geral, quanto mais típicas da linguagem rural, tanto maior o grau de estigmatização das pronúncias populares no meio urbano. Sobre o grau relativo de

estigmatização das principais variantes aqui consideradas, v. Head (1981:165).

17. A alternância entre r e l está documentada nos seguintes trabalhos, entre outros: sobre São Paulo, Amaral (1920, 1955:52), Minas Gerais, Teixeira (1938:22), Bahia, APFB (por exemplo, os dados sobre planeta, neblina, flor d'água, clavícula, escaldado, rescaldo, calcanhar, e solta, nas Cartas 2, 12, 14, 57, 45, 50, 64 e 139, respectivamente), Alagoas e Pernambuco, Marroquim (1934:29-30, 78-83), Paraíba, Clerot (1959:6) e ALPb (por exemplo, os dados sobre neblina, planeta, alma nas Cartas 020, 036, 141). Sobre a influência de factores sociais na alternância entre l e r, v. Head (1985).
18. Vejam-se, por exemplo, entre os trabalhos citados na nota anterior, Amaral, págs. 48, 53, Teixeira, 27-28, APFB, Cartas 22 (sarolha), 50 (borralho), 80 (borquilha, cangalho), 92 (dor d'olhos), 145 (cilha), etc., Marroquim, 87, Clerot, 6, e ALPb, Cartas 022 (orvalho), 033 (olho-de-boi), 077 (zanolho), etc.
19. Vejam-se, entre outros, Amaral, págs. 52, 72, Teixeira, 26-27, 29, APFB, Cartas 34 (somer), 60 (buzar), 130 (amojar), Marroquim, 77-78, Clerot, 6, ALPb, Cartas 029 (morneço), 131 (árvore). Sobre a frequência relativa das realizações que correspondem a r, segundo o contexto linguístico, nalgumas variedades de linguagem popular rural no Brasil, v. Head (1978:26-29).
20. Vejam-se, entre outros, Amaral, pag. 51, Teixeira, 14-15, APFB, Carta 8 (trás-ante-ontem), Marroquim, 42, 66-67, Clerot, 4-5, 9, ALPb, Carta 043 (trás-ante-ontem). Faltam dados, nos atlas citados, sobre casos correspondendo ao ditongo nasal [au], representado por -lo ou -m.

21. Os dados dos atlas linguísticos regionais brasileiros, tais como o APFB e o ALPb, indicam ser comum na linguagem popular rural a alternância entre a realização nasal (ou nasalizada) e a realização oral, no caso das vogais que ocorrem diante de consoante nasal intervocálica, especialmente quando são tónicas.
22. Vejam-se, por exemplo, Amaral, op. cit., pág. 149 e Marroquim, op. cit., págs. 54-55, 60.
23. Para o estudo comparativo no domínio do léxico, encontram-se subsídios valiosos em Cintra (1962).

BIBLIOGRAFIA

- ALECE: Atlas Linguístico do Estado do Ceará. Trabalho em elaboração.
- ALESP: Atlas Linguístico do Estado de São Paulo. Trabalho em elaboração.
- ALPB: Atlas Linguístico da Paraíba. Vide Aragão, Ma S. e C. Menezes (1984).
- ALPI: Atlas Linguístico de la Península Ibérica, I: Fonética 1. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1962.
- Alse: Atlas linguístico de Sergipe. Vide ferreira, C. et al. (1987).

- AMARAL, A. (1920) *O Dialecto Caipira*. São Paulo: Casa Editora "O Livro". (As citações no presente estudo referem-se à 2ª edição: São Paulo, Editora Anhembi, 1955.)
- Anais: *Anais do Primeiro Congresso Brasileiro de Língua Falada no Teatro*. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1958.
- APFB: *Atlas Prévio dos Falares Bahianos*. Vide ROSSI, N. et al. (1963).
- ARAGÃO, Ma. S. e C. MENEZES (1984). *Atlas Linguístico da Paraíba*. 2 vols. Brasília: UFPB/CNPq, coordenação Editorial.
- CARDOSO, S. e V. ROLLEMBERG (1972). "A vitalidade de sorolha nos falares baianos," *Universitas: Revista de Cultura da Universidade da Bahia*, nos. 12-13, págs, 241-248.
- CINTRA, L. (1958). "Alguns estudos de fonética com base no Atlas Linguístico da Península Ibérica," em *Anais do primeiro Congresso Brasileiro de Língua Falada no Teatro*, Rio de Janeiro, Ministério da Educação e Cultura, 1958, pp. 186-195. Também em Cintra (1983), pp. 21-34, sob o título "Os inquéritos realizados em Portugal para o Atlas Linguístico da Península Ibérica."
- CINTRA, L. (1962). "Áreas lexicais no território português," *Boletim de Filologia* (Lisboa), XX, pp. 273-307. Também em Cintra (1983), pp. 55-94.
- CINTRA, L. (1971). "Nova proposta de classificação dos dialectos galego-portugueses," *Boletim de Filologia* (Lisboa), XXII, pp. 81-116. Também em Cintra (1983), pp. 117-163.
- CINTRA, L. (1983). *Estudos de Dialectologia Portuguesa*. Lisboa, Sá de Costa Editora.

-
- CLEROT, L. (1959). **Vocabulário de termos populares e gíria da Paraíba.** (Estudo de Glotologia e Semântica Paraibana). Rio de Janeiro: Riachuelo.
- COELHO, A. (1881). **A língua portuguesa. Noções de glottologia geral e especial portuguesa.** 3a edição. Porto: Magalhães & Moniz Editores.
- COROMINAS, J. e J. PASCUAL (1980-84). **Diccionario Crítico Etimológico Castellano e Hispánico.** Madrid: Editorial Gredos 5 vols.
- EALMG: **Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais.** Vide Ribeiro, J. et al. (1977).
- FERREIRA, C. et al. (1987). **Atlas Linguístico de Sergipe.** Salvador: UFBA/Instituto de Letras/Fundação Estadual de Cultura de Sergipe.
- FRANCO de SÁ (1915). Vide SÁ, F.
- GIRÃO, R. (1967). **Vocabulário popular cearense.** Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará.
- GONÇALVES VIANA (1892). Vide Viana, G.
- HEAD, B. (1964). **A comparison of the segmental phonology of Lisbon and Rio de Janeiro.** Tese de doutoramento, Universidade do Texas, Austin. (Inédita.)
- HEAD, B. (1978). "Subsídios do Atlas Prévio dos Falares Baianos para o estudo de uma variante dialetal controvertida," **Cadernos de Estudos Linguísticos (Campinas)**, no. 1, pp. 21-34.

- HEAD, B. (1981). "Social factors in the perception of phonetic differences," *Cadernos de Estudos Linguísticos* (Campinas), no. 2, pp. 158-166.
- HEAD, B. (1985). "A alternância entre consoantes líquidas: um caso de condicionamento múltiplo," *XI Anais de Seminários do Gel*, São José do Rio Preto: UNESP, pp. 142-158.
- LEITE de VASCONCELLOS, J. Vide VASCONCELLOS, J. LEITE de.
- MACHADO, J. (1987). *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4ª edição. Lisboa: Livros Horizonte. 5 vols.
- MARROQUIM, M. (1934). *A língua do Nordeste* (Alagoas e Pernambuco). São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- OLIVEIRA, S. (1940). *Expressões do populário sertanejo. Vocabulário e superstições*. São Paulo e Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- PINTO, A. (1981). "A africada c em português: estudo sincrónico e diacrónico," *Boletim de Filologia* (Lisboa), XXVI (1980/81), 139-192.
- RIBEIRO, J. et al. (1977). *Esboço de um Atlas Linguístico de Minas Gerais*. 1o volume. Rio de Janeiro: Ministério de Educação e Cultura, Fundação Casa de Rui Barbosa, Universidade Federal de Juiz de Fora.
- ROSSI, N. (1969). "Sobre as 'africadas' no Brasil. (À margem de uma tese de Serafim da Silva Neto)," *Programa Interamericana de Linguística y Enseñanza de Idiomas. El Simposio de Mexico* (Enero de 1968). *Actas, Informes y Comunicaciones*, México: Universidad Nacional Autónoma.
- ROSSI, N. et al. (1963). *Atlas prévio dos falares baianos*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro.

- ROSSI, N. et al. (1963). *Atlas prévio dos falares baianos*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro.
- SÁ, F. (1915). *A língua portuguesa (Dificuldades e dúvidas)*. Maranhão [=São Luis]: Imprensa Oficial.
- SERAINÉ, F. (1958). *Dicionário de termos populares (Registrados no Ceará)*. Rio de Janeiro: Organização Simões Editora.
- SILVA, Ma. H. (1961). "Características fonéticas do falar minhoto," *Boletim de Filologia (Lisboa)*, XX, pp. 309-321.
- SILVA NETO, S. (1963). *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*. 2a edição. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro.
- SOUSA, A. de. (1960). *A língua portuguesa no Brasil. Aspectos léxicos e semânticos. Alguns arcaísmos. Folclore e linguagem*. Rio de Janeiro: Editora fundo de Cultura.
- TEIXEIRA, J. (1938). "O falar mineiro," *Revista do Arquivo Municipal (São Paulo)*, XLV, pp. 5-100.
- TEYSSIER, P. (1984). *História da Língua portuguesa*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora.
- VASCONCELLOS, J. Leite de (1901). *Esquise d'une dialectologie portugaise*. (These pour le Doctorat de l'Université de Paris, Faculté des Lettres). Paris-Lisboa. (2a edição, com editamentos e correcções do Autor, preparada... por Maria Adelaide Valle Cintra, Lisboa: Centro de estudos filológicos, 1970.)
- VIANA, A. GONÇALVES de. (1892). *Exposições da pronúncia normal portuguesa para uso de nacionais e estrangeiros*. Memória, destinada a X Sessão do Congresso Internacional de Orientalistas... Lisboa, Imprensa Nacional. (Também em A. R. Gonçalves Viana, *Estudos de fonética portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1971, pp. 153-257.)

WULKEMANN, Ma. R. (1983). O falar da Ilha dos Búzios. Dissertação de Mestrado, Universidade estadual de Campinas. (Inédita.)